

## **HABILIDADES BÁSICAS EM LEITURA E ESCRITA: uma experiência com alfabetização de adultos**

Maria Cristina Teixeira Bueno\* Nívia Gordo\*\*

### **Introdução**

Desenvolvido entre julho de 1993 e dezembro de 1994, este projeto teve como alvo trabalhadores da indústria paulista que, não possuindo os mínimos requisitos de leitura e escrita, ficavam impedidos de participar de toda e qualquer ação voltada para novas formas de organização do trabalho ou desenvolvimento de recursos humanos.

Na era da qualidade e competitividade, o impasse tornou-se insustentável tanto para empresários, que se viam impedidos de modernizar sua indústria, quanto para operários, que se sentiam ameaçados pela possibilidade, não remota, do desemprego.

Hoje, as indústrias do estado dispõem de um programa de alfabetização que acontece na própria empresa, com a assessoria do Senai, que oferece o *material didático* e se responsabiliza pelo *treinamento dos instrutores* ou indicação de instrutores já treinados. Quanto aos trabalhadores, muitos já começam a trilhar

Licenciada em Letras e Comunicação, técnica de ensino do Senai/SP. \* Pedagoga,

licenciada em Letras, técnica de ensino do Senai/SP.

o caminho do desenvolvimento pessoal e profissional, adquirindo gradativamente o domínio oral e escrito da estrutura de palavras, orações, pequenos textos; compreendendo conceitos; desenvolvendo a oralidade e o espírito crítico.

### **Origem do projeto**

Desde 1981, o Senai tem oferecido às empresas o programa *Matemática Básica para Mecânica*, em quatro fases, na modalidade de ensino a distância. Operacionalizado no esquema Auto-instrução com monitoria, ou seja, material didático auto-instrucional impresso e apoio de um monitor, que encontra o treinando uma ou duas vezes por semana, para aplicar avaliação, sanar dúvidas e dar instrução remedial, este programa pressupõe um pré-requisito básico: a habilidade de ler com compreensão.

Com tal pré-requisito, o ingresso ao programa está condicionado a um teste de leitura, além de conhecimentos de cálculo aritmético relativos a contagem e numeração, operações de adição e subtração e resolução de situações-problema envolvendo essas operações.

Com o passar dos anos, verificou-se considerável aumento do número de candidatos barrados neste teste, o que constituiu indicador suficiente para alertar os responsáveis pela operacionalização do programa junto às empresas. Paralelamente, acompanhava-se não só o movimento internacional em torno das habilidades básicas, disseminado pela OIT, mas também a conscientização do empresariado para a urgência de uma ação

efetiva com o fim de sanar as carências de educação básica dessa população.

Foi nesse contexto que nasceu o projeto. Em julho de 1993, formado um grupo piloto com 20 participantes, analfabetos literais e funcionais, em uma indústria de São Paulo, iniciamos o programa.

Nos encontros noturnos, três vezes por semana, íamos nos inteirando do universo desse aluno adulto, engajado no mercado de trabalho, mas carente de conceitos básicos, por vezes dependente do "professor", inseguro até, com suas apreensões, pelo medo do ridículo e do fracasso, sem o hábito das convenções da escrita, com dificuldades motoras pela rigidez adquirida ao longo da vida profissional; desse aluno que tem uma história de vida, sucessos e fracassos acumulados.

Dessa interação, que durou quatro meses, foi possível elaborar o material didático, tendo como ponto de partida o universo do trabalhador: emprego, moradia, orçamento doméstico; educação, lazer; amizade, amor, casamento; cidadania, segurança no trabalho e prevenção de acidentes; desperdício, retrabalho e qualidade.

Contando com a colaboração de mais um técnico da Divisão de Recursos Didáticos, foram incluídos conteúdos de cálculo aritmético correspondentes aos pré-requisitos de Matemática básica. Isso permitiu não apenas articular os dois programas — Leitura e Escrita e Matemática Básica — mas ainda integrar a alfabetização com a habilidade de ler, compreender e resolver problemas simples relacionados a situações reais de vida dos participantes.

## O programa

A alfabetização é desenvolvida com grupos de, no máximo, 15 participantes, em 120 horas. A duração varia de acordo com a escolha de um dos seguintes esquemas:

- 5 sessões semanais de lh30min (16 semanas);
- 5 sessões semanais de 2h (12 semanas);
- 4 sessões semanais de 2h (15 semanas);
- 3 sessões semanais de 2h (20 semanas).

O programa compõe-se de 20 lições de linguagem e 13 lições de cálculo aritmético. As 14 primeiras lições de linguagem apresentam enunciados (pequenos textos) que contextualizam as *palavras-chave* em torno das quais se desenvolve o trabalho de alfabetização propriamente dita; as lições finais restringem-se a textos (maiores e mais elaborados), a partir dos quais se intensifica a leitura compreensiva e se oferece oportunidade para uma revisão geral.

## Material didático

Denominado *História nossa*, o conjunto apresenta três componentes:

- *Textos*: caderno que contempla as situações e palavras-chave extraídas junto ao grupo-piloto. Serve de base e roteiro para o programa.
- *Caderno de atividades*: forma um todo com os textos e integra linguagem com cálculo aritmético.

— *Silabário*: conjunto de fichas que possibilitam a formação de palavras individualmente ou em atividades coletivas.

Por que propusemos a utilização de material didático elaborado antecipadamente?

Antes de mais nada, por acreditarmos que cartilha não significa, necessariamente, distanciamento da realidade dos alunos, podendo, ao contrário, contemplar seu universo, seu repertório, seu dialeto, seu nível de conhecimento.

Por outro lado, deixar que os textos sejam criados juntamente com o grupo específico de alunos impõe aos alfabetizadores um trabalho excessivo, nem sempre compensado com o sucesso. Ainda, um programa que se apóia basicamente em textos compostos por alunos corre o risco de restringir o universo de aprendizagem. Os fundamentos da leitura e escrita exigem uma escolha judiciosa de palavras e uma ordem de apresentação.

Acrescentem-se aí a necessidade e a dificuldade de se encontrarem, em número suficiente, docentes altamente qualificados para o desenvolvimento de um programa de alfabetização cujo conteúdo vai sendo construído com o grupo. Nesse sentido, é preciso lembrar três fatores que tornam o quadro complexo: a quantidade da clientela potencial do programa; a dispersão dessa mesma clientela; a conveniência de organização das salas de aula nas próprias empresas, evitando sobrecarregar ainda mais o trabalhador.

Finalmente, a adoção de material didático faz ganhar tempo, economizando esforços de alfabetizadores e alfabetizados, além

de garantir a eficácia do processo pela sistematização dos conteúdos em termos de seleção, dosagem e seqüência. Do ponto de vista lingüístico, o processo de alfabetização significa um progressivo domínio de regularidades e irregularidades, que pode não ocorrer de maneira adequada em meio a uma seleção aleatória, fato que geralmente caracteriza os processos de alfabetização sem programas estabelecidos ou cartilhas.

#### Pressupostos

A elaboração do programa norteou-se por outros pressupostos além desses relativos ao emprego da "cartilha".

O adulto engajado no mercado de trabalho precisa alfabetizar-se rapidamente, recuperando o "tempo perdido". É preciso, portanto, adotar um modelo de alfabetização que seja econômico e eficaz, permitindo que o indivíduo se aposse do instrumento de leitura e escrita, para ter assegurado o acesso à cultura e ao saber em condições de igualdade com os demais cidadãos. Retardar o processo com modelos mais lentos seria negar-lhe esse direito.

Nossa língua é altamente econômica. Com um número relativamente reduzido de *fonemas* é possível dar conta de todo o universo vocabular, propício a infinitas combinações em nível de palavras e frases. Por outro lado, a função distintiva dos fonemas torna-os básicos num processo de alfabetização. Os fonemas /t/, /b/, /m/, /s/, /p/, /R/, por exemplo, são os únicos traços que permitem uma distinção de significado em palavras como fala, bala, mala, sala, pala, rala. Ainda, as palavras (ou signos ver-

bais) apresentam grande *uniformidade silábica*. A sílaba /ca/, por exemplo, é sempre a mesma em /casa/, /casamento/, /capacidade/, /camisa/, etc.

Consideradas as características fonéticas e gráficas de nossa língua, é incontestavelmente vantajoso ensinar os fonemas e as letras e o modo como eles se associam para a formação das palavras. O aluno a ser alfabetizado já domina a linguagem oral, manejando-a no exercício da comunicação e apresentando, inclusive, uma gramática pronta. É tarefa da "escola" fornecer aquilo que ele não sabe, ou seja, a aprendizagem do *código escrito* que corresponde ao código oral dominado. E a relação entre os sons e as letras que o alfabetizando deve aprender *primordialmente*.

Mas os automatismos da leitura e da escrita não são essencialmente mecânicos, porque implicam relação com o significado. Considerando que o signo lingüístico constitui-se de duas entidades (significante e significado), indissociáveis entre si, conclui-se que a ênfase na aprendizagem dos aspectos formais, ou seja, nos significantes, propicia maior rentabilidade, desde que se tome como ponto de referência o universo vocabular dos estudantes. Pela sua intuição como falante, ao emitir a palavra *trabalho*, por exemplo, ele relaciona essa cadeia de sons (significante) com o conceito que lhe corresponde (significado). O que ele não conhece e vai constituir objeto de ensino é o domínio desse significante no código escrito.

Assim é que, com um pequeno elenco de palavras-chave, foi possível dar conta de toda a estrutura da língua e, em pouco tempo, dotar o estudante com o instrumento básico necessário:

Adelino — Diva — colega — saúde — refugio — sucata — jogo — dominó — homem — cidadão — chapa — rebolo — fagulha — Zeferino — aluguel — trabalho — casa própria — cartão — casamento — linha de produção — lixadeira — qualidade — escola — emprego — classe — cesta básica

A partir dessa base, ficará mais fácil — e, naturalmente, rápido e econômico — acelerar o *desenvolvimento* da leitura e escrita num segundo momento. É essa a ênfase que se dará ao segundo nível das habilidades básicas, já em fase de elaboração.

### **Treinamento dos alfabetizadores**

Restringe-se a preparar pessoal para desenvolver *este* programa de alfabetização, não se propondo a *formar* alfabetizadores. Mas os instrutores treinados serão os mesmos a atuarem no nível 2 do programa. Nessa ocasião, não haverá necessidade de treinamento, bastando para suas ações o uso de um manual informativo e orientador.

Desenvolvido *a distância*, o treinamento compreende estudo individualizado, tutoria a distância que prevê consultas por telefone e realização de uma Tarefa e, finalmente, atividades presenciais em grupo, numa reunião final.

Tendo como material didático um *Manual do alfabetizador*, um *Guia de estudo* e o próprio *material do aluno*, requer em torno de 20 horas de estudo mais seis horas para a reunião, desenvolvendo-se num prazo de 30 dias, em média, entre o recebimento do material, realização do estudo e participação na reunião.

O futuro alfabetizador estuda sozinho, em horário e local escolhidos, lendo, executando atividades e corrigindo-as, conforme orientações contidas no *Guia de estudo*. Ao final, envia ao *tutor* a Tarefa (trabalho escrito), que será corrigida e comentada. Na *reunião*, que encerra o treinamento, terá oportunidade de fazer uma síntese do estudo realizado, sanar dúvidas, entrar em contato com seus pares, para socialização e troca de idéias e experiências, aproximar-se da situação real de suas futuras atividades.

Além da disposição em desenvolver um programa de alfabetização e de ter o segundo grau completo, não são exigidos pré-requisitos do candidato a alfabetizador. Por ser desenvolvido a distância, o treinamento não se prende a calendário, podendo iniciar-se a qualquer momento. A única exigência diz respeito a um número mínimo de candidatos (cinco ou seis) para que sejam viáveis as atividades presenciais.

### **Tutoria**

O tutor é sempre visto como desempenhando um importante papel em *sistemas de aprendizagem a distância*. Sua principal função não é desenvolver novos temas ou conteúdos. Consiste, fundamentalmente, em assegurar que os estudantes entendam por completo as idéias e argumentos apresentados no curso ou treinamento e remediar pontos fracos ou dificuldades dos estu-

dantes, prescrevendo, inclusive, atividades de recuperação. O tutor é, pois, mais um facilitador da aprendizagem do que a fonte de conhecimentos.

Neste treinamento, as funções do tutor referem-se basicamente a:

- fornecimento de informações sobre o programa e sistemática operacional;
- recebimento das fichas de inscrição dos futuros alfabetizadores;
- registro de candidatos e remessa do material;
- análise das *tarefas* e elaboração de comentários escritos;
- organização e desenvolvimento das reuniões.

Inicialmente, a tutoria foi centralizada. Entre agosto e novembro de 1994, com o material produzido e a divulgação inicial efetuada, foram preparados 80 alfabetizadores, em sua maioria indicados pelas empresas.

Hoje, o treinamento está descentralizado, facilitando o funcionamento do sistema. A fim de implantar definitivamente o programa e dar atendimento à demanda do Estado, foram preparados 15 tutores para atuarem em escolas-pólo, que cobrem dez regiões, além de quatro tutores de apoio, na sede do Senai/SP.